

Entalo argentino

Rogério L. Furquim Werneck*

Com o agravamento da crise econômica mundial, as exportações de países emergentes estão desabando. Da Ásia à América Latina, a contração da demanda externa, que atingiu tanto as exportações de commodities como as de produtos manufaturados mais elaborados, vem impondo sérias dificuldades à condução da política econômica. Na Argentina, o problema vem assumindo proporções dramáticas. À queda da demanda mundial, vieram se somar os efeitos adversos da pior seca enfrentada pelo país em quase meio século e da desastrosa política do governo com relação às exportações.

A seca, severa e prolongada, teve impacto devastador sobre as províncias de Buenos Aires, Córdoba, Santa Fé, Entre Ríos, Tucumán, Chaco e Formosa. Teme-se que a contração na produção de grãos possa chegar a mais de 25%. No caso do trigo, a cerca de 50%. Combinada com a forte queda de preços de grãos observada desde meados do ano passado, essa contração deverá impor redução substancial da receita de exportações agrícolas do país em 2009.

Mas as dificuldades não param por aí. Não obstante a adversidade do quadro, as exportações de grãos continuam sendo pesadamente tributadas. Sobre a soja, a retenção fiscal permanece em 35%. Há oito meses, quando o produto chegou a ser cotado a US\$ 600 a tonelada, essa retenção, por mais irracional e canhestra que já fosse, ainda podia ser vista como uma forma de confisco dos fartos excedentes gerados pelos produtores mais eficientes de soja. Hoje, com o produto cotado a pouco mais de US\$ 300, já não é possível dar à retenção qualquer conotação de taxaço da abundância. O que agora se tem é um triste esquema de tributação da penúria, que já tornou inviável a cultura da soja nas regiões mais distantes do porto de Buenos Aires.

A manutenção das retenções fiscais em condições tão adversas e a constatação de que parte substancial da produção de grãos vem sendo estocada, e não exportada, fez recrudescer mais uma vez a tensão nas relações entre o governo e os produtores rurais. Há poucos dias, com o campo argentino novamente à beira da conflagração, a grande especulação dos jornais de Buenos Aires era se o governo de fato levaria adiante a ameaça de estatizar o comércio exterior de grãos. O que se temia era a recriação de um órgão similar ao velho IAPI (*Instituto Argentino para la Promoción del Intercambio*), um monstro peronista do pós-guerra, que centralizava a aquisição de produtos agropecuários exportáveis, assegurava que tais produtos tivessem preços internos e externos diferentes, determinava os “excedentes exportáveis” e administrava a extração fiscal sobre exportações.

Na terça-feira, em reunião com representantes do setor agropecuário, o governo adotou postura mais conciliatória e deu mostras de que, pelo menos por agora, teria abandonado a idéia de estatização do comércio exterior. Mas o simples fato de que essa idéia estapafúrdia esteja sendo séria e intensamente debatida na mídia argentina dá a exata medida do grau de descabimento que atingiu a gestão da política econômica no país.

O que agora se discute é o que terá feito o governo recuar. O que se aventa é que, a seis meses das eleições legislativas, o casal Kirchner constatou que o acirramento do conflito com o campo poderia botar em risco a precária e minguante maioria que agora tem no Congresso, especialmente no Senado, onde supera a oposição por apenas três cadeiras. Mas os gestos conciliadores estão longe de configurar mudança da política com relação às exportações. Tendo em vista a delicadeza do quadro fiscal, que combina perda de arrecadação, expansão desmesurada do dispêndio público e dificuldade de emissão de dívida, o governo alega não ter condições de abrir mão da receita proveniente da tributação das exportações.

O que se vislumbra, portanto, é que o fantástico potencial da economia argentina como base exportadora de produtos agropecuários permaneça entravado por políticas equivocadas, exatamente quando poderia estar sendo mobilizado para atenuar o impacto que a crise mundial vem tendo sobre o país. E é bom ter em mente que as dificuldades não estão restritas às exportações de grãos. É triste que esteja sendo prognosticado que, ao fim de seus dois governos, o casal Kirchner terá conseguido o prodígio de converter a Argentina em em um país importador de carne.

* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.